



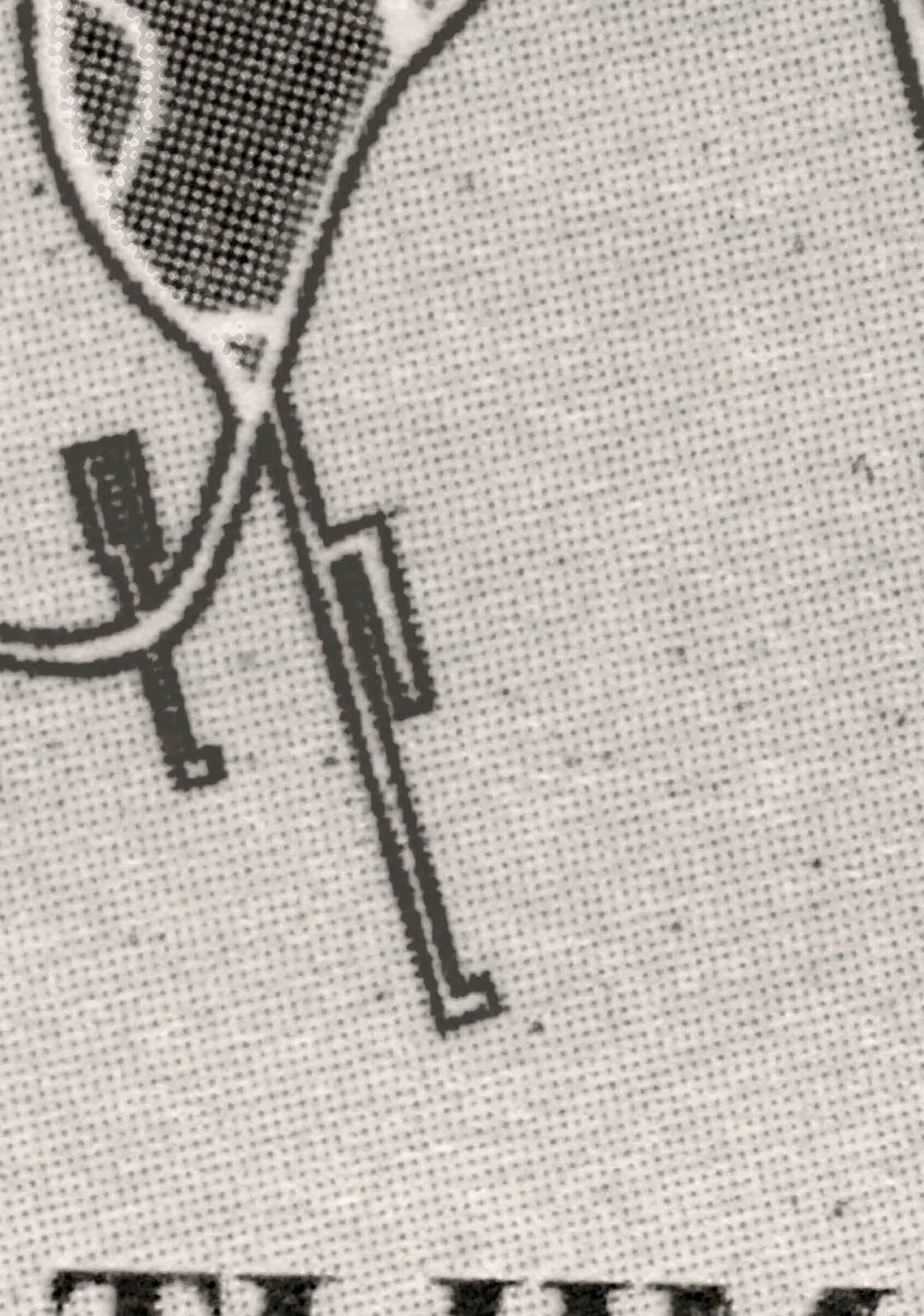
ANEXO DE TEXTOS

BRASÍLIA: [CIDADE] [ESTACIONAMENTO] [PARQUE] [CONDOMÍNIO]

PORO



+ Bené Fonteles
+ Eduardo de Jesus
+ Gabriel Schvarsberg
+ Laura Castro



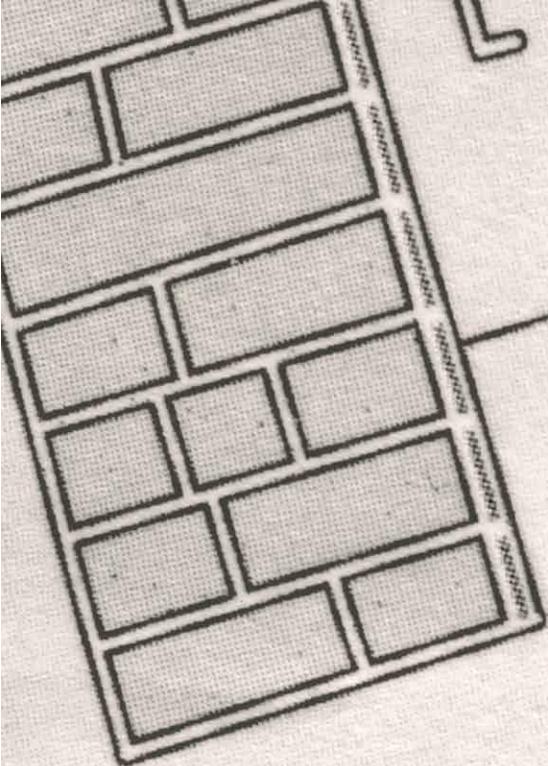
ANEXO DE TEXTOS

BRASÍLIA: (CIDADE) [ESTACIONAMENTO] (PARQUE) [CONDOMÍNIO]

PORO = BRÍGIDA CAMPBELL + MARCELO TERÇA-NADA!

PRÊMIO FUNARTE
DE **ARTE CONTEMPORÂNEA**
2012

Atos Visuais Funarte Brasília - Galeria e Marquise



*Dedicado a Brasília,
seus conjuntos, complexos e anexos*

Esta é uma publicação complementar ao catálogo da exposição: Brasília: [Cidade] [Estacionamento] (Parque) [Condomínio] realizada pelo Poro na Funarte/DF entre dezembro de 2012 e janeiro de 2013.

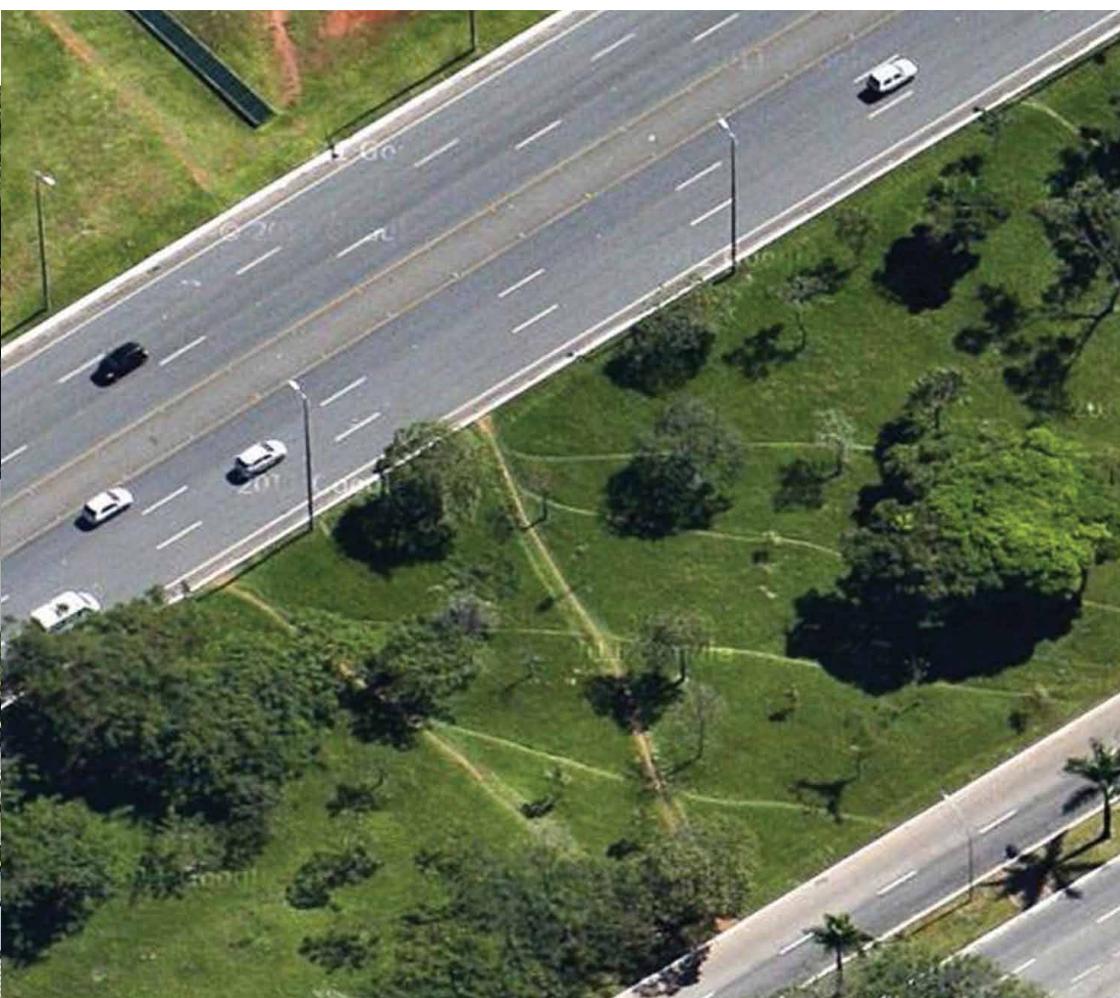
Anexo de textos traz escritos inéditos de pessoas que de alguma forma têm relação com a cidade de Brasília e/ou com as obras do Poro e que foram convidadas a escrever a partir da experiência da exposição.

O Poro concebeu este Anexo no desejo de estimular a experiência da escrita e a produção de material crítico-poético.



ÍNDICE

Pela Desfunção: retóricas caminhativas do Poro em Brasília - Gabriel Schvarsberg	.9
Respiros de Urgência! - Bené Fonteles	.19
Quase-ensaio - Eduardo de Jesus	.23
Paisagens Escritas: impressões, narrativas, afetos - Laura Castro	.31
Sobre a Exposição Brasília: (Cidade) [Estacionamento] (Parque) [Condomínio] - Poro	.39
Expediente	.48



PELA DESFUNÇÃO: RETÓRICAS CAMINHATIVAS DO PORO EM BRASÍLIA

Gabriel Schvarsberg

“As coisas tinham para nós uma desutilidade poética”

Manoel de Barros

Do desútil

Ao ser convidado a escrever sobre a exposição do Poro em Brasília, esbarrei por acaso com a poesia desútil de Manoel de Barros. Oportuna, como as melhores obras do acaso, esta colisão permitiu agenciar sob uma perspectiva inteiramente nova o feixe de percepções e ideias, relativamente desconexas, que o primeiro contato com a exposição já vinha animando. O conjunto de trabalhos constituía agora uma espécie de sentido comum, menos próximo de um discurso, coerente e unitário, do que de uma conversa informal com a cidade, povoada de retóricas “de mesa de bar”, daquelas cujo pecado é esquecer referências e evitar (propositadamente?) fundamentos, e cuja ousadia carrega a virtude de brindar seus interlocutores com momentos de primorosa sensibilidade e perspicazes composições com fragmentos da vida urbana.

A ideia de desutilidade foi apropriada aqui como um ferramental desútil, como proposto por Manoel de Barros em seu “Livro sobre nada”, e a reaproximação com o trabalho do Poro se fez como um percurso sobre o percurso realizado pelos artistas em Brasília. Antes de seguir então, compartilho as ferramentas, como esboçadas pelo poeta:

“[...] o nada de meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc etc. O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo.”¹

1. BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 3ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1996.

Não haveria algo de muito próximo entre o que se pode considerar uma crítica da “utilidade das coisas” e a crítica da cidade funcional moderna, que se atualizaria hoje, de maneira geral, em uma crítica da cidade eficiente? Quando se pensa nas narrativas da modernização, do progresso e do desenvolvimento, que legitimam o fazer urbanístico e as transformações contemporâneas da vida urbana, haveria espaço para coisas desúteis, como escorregar em taludes, descansar sob árvores, ou formar desenhos na paisagem? A aceleração da vida urbana, sustentada na busca incessante da (sempre inalcançável) eficiência, não seria também produtora de cegueiras e um dispositivo de uniformização das paisagens da existência?

Questões como essas foram surgindo ao longo da tentativa de seguir os rastros do percurso realizado pelo Poro em Brasília, buscando menos a rememoração do que seus traços de singularidade e suas linhas de potência para outras práticas e outras Brasília. Como estratégia, o texto foi dividido em operações, nada mais que condensações de pistas encontradas nesta perseguição. Assumidamente provisórias e incompletas, estas operações sugerem, junto com o Poro, alguns passos para desfuncionalizar Brasília.

operação 1: deslocamento

Se as ações do Poro caracterizam-se pela criação de pequenos deslocamentos, grande parte em Belo Horizonte (se não realizados lá, sem dúvida gestados a partir da experiência urbana de lá), o trabalho em Brasília parece diferenciar-se daqueles, além de outros fatores, por tomar como ponto de partida um grande deslocamento, mais precisamente, o autodeslocamento dos artistas para Brasília. Deslocados, fora de seu lugar e de seu território familiar, chegam um tanto perdidos na cidade, sem trazer consigo um trabalho pronto, mas apenas uma proposta preliminar, um projeto: realizar um guia afetivo do centro. Mas o deslocado nunca chega confiante e precisa assumir muitos riscos... de falar besteira, repetir o que já fizeram antes, produzir uma situação embaraçosa, ir onde ninguém vai, deixar de ir onde todos esperam que se vá. Por isso é preciso dobrar a atenção. É preciso estar atento (e forte).

A partir desse grande deslocamento desdobram-se outros, pequenos deslocamentos, aqueles que caracterizam a prática do Poro e que eles trazem em intenção à Brasília – pequenos deslocamentos no cotidiano. No entanto, deslocados urbanisticamente como estão, longe de suas familiares ruas e praças, ainda que seu campo de ação seja o cotidiano, este ainda não é ordinário para a dupla. Quero dizer, com isso, que ações como as que propõem deslocar aquilo que é absolutamente ordinário no cotidiano dos habitantes para algo que se vai olhar diferente, parar para pensar – e as indagações ou confusões provocadas a partir daí –, em Brasília ainda não são possíveis, pois o que

é exatamente cotidiano, ordinário, ainda não está claro. Chegam como a personagem da primeira cena de Paris, Texas: um homem caminhando no deserto sem saber exatamente o que busca. A única regra é ir para frente e o que o move é uma pulsão de se afastar de seu ponto de partida². O ponto de partida aqui, um projeto. A regra, dele se afastar.

operação 2: modo de operar do Poro em Brasília

Os óculos do Poro colocados em Brasília, o que veem? Certamente não é aquela Brasília Moderna, com “M” maiúsculo, que se singulariza em seu projeto urbanístico, e que se reproduz ainda de forma persistente em algumas práticas autofágicas (e não antropofágicas), muito cansativas. Nessas práticas, que extrapolam o campo das artes, Brasília é comida no que ela tem de mais (re)conhecido: seus monumentos e edifícios, seu traçado urbano, a superquadra, suas escalas³. Mudam-se os ângulos, variam as mídias, mas parece ser preciso que a obra modernista apareça enquanto tal, em algum momento, para que a produção marque seu diferencial e conquiste, com isso, reconhecimento. Felizmente, parte da produção artística local vem se desapegando desta sina e enveredando por outros caminhos.

A prática do Poro vem reforçar esse desvio, não por evitar repetir o óbvio, mas porque seu modo de operar é outro. Suas ações acontecem na rua comum, pisando na grama, olhando para os muros; relacionam-se mais com anonimato, práticas populares, usos do espaço público, do que com obras autorais e representações cívicas. Assim, ao levar esse olhar para Brasília, se afastam naturalmente dos monumentos, mesmo que estejam no meio deles, caminhando, pois não interessa o monumento a menos que ele seja habitável, e “habitar é deixar rastros”, diria Walter Benjamin. Por isso, reivindicar *tombamentos que não congelam, projetos flexíveis, monumentos habitáveis e escalas transponíveis*⁴. Eis aqui a posição política do trabalho. É numa composição entre esses sentidos múltiplos que habitar a cidade difere radicalmente de encontrar na cidade seus setores de moradia, onde se realizaria a escala residencial e cotidiana.

2. Esta interpretação, bastante esquemática e simplória, seria apenas uma dentre muitas possíveis para o filme de Win Wenders, e também para o procedimento do Poro (mas serve aos fins desse texto).

3. A Lei do Tombamento de Brasília define como diretriz básica para a preservação do patrimônio de Brasília o respeito às escalas da cidade definidas no plano-piloto proposto por Lúcio Costa. São elas as escalas monumental, residencial/cotidiana, gregária e bucólica.

4. As expressões em itálico que aparecem a partir daqui foram apropriadas livremente dos trabalhos ou do belo catálogo da exposição. Disponível em: <www.poro.redezero.org/publicacoes/catalogo-brasilia>

Não é possível confinar o cotidiano a este ou aquele espaço, área ou setor. O cotidiano, para além de qualquer funcionalidade (ainda que se possam nele desempenhar funções), é emaranhado de linhas que atravessam sujeitos e espaços, que transbordam fronteiras e transpõem escalas. É trama de relações ao nível do chão da cidade, em contínua transformação pela interação diária de seus habitantes, não apenas entre si, mas também com o ambiente construído e a natureza. É no cotidiano que *peessoas descansam sob as árvores, carros criam desenhos na paisagem, vasos de plantas substituem árvores cortadas e pessoas escorregam de papelão no gramado do congresso*⁵. É neste lugar, ao mesmo tempo impreciso e absolutamente palpável, que o Poro realizou seus percursos, perseguindo ora ações, ora rastros da Brasília habitada, e é claro, ao percorrê-la habitou-a, deixando nela também seus rastros.

operação 3: modo de operar de Brasília no Poro

A Brasília experimentada pelo Poro é a Brasília a pé, e a velocidade dessa experiência é a do caminhar. Se em qualquer outra cidade isso possa parecer lugar-comum, em Brasília não é. Na Brasília rodoviária é na velocidade do automóvel que se tem a experiência da função “circular” (inclusive a paisagem que essa experiência produz) do urbanismo funcionalista, defendido nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna – os CIAMs – e francamente aplicada na cidade. É do automóvel, portanto, que se vê a paisagem passar. É claro que não são todos os habitantes da cidade que possuem automóveis e, por isso, essa experiência “a pé” não é nada incomum. Mas é certo que as narrativas da cidade decorrentes dessa experiência, quando são compartilhadas no circuito cultural, costumam ser aquelas mais periféricas, coincidindo-se aí com os territórios, também periféricos, desses habitantes⁶.

Assim, ao produzir retóricas a partir de *longas caminhadas ao sol, as perspectivas se alongam*, e simples inversões surgem, como o gesto estético que transforma o automóvel em paisagem. Apesar da aparente despreensão, este gesto libera e aponta para outra experiência de Brasília, experiência atual, nada modernista, que coincide com a experiência popular, dos habitantes sem carro, do “buzão”, da “rodô”, do camelô, da aridez de grandes travessias, do trabalhador que tira o cochilo em um papelão à sombra de uma mangueira. É na sensorialidade dessa experiência, sobretudo em sua velocidade, que se descobre o vazio de Brasília. Coisa rara em outras grandes cidades e que em Brasília

5. Estas são frases que compõem com desenhos a série de cartazes “*Situações Brasília*”.

6. O filme *A cidade é uma só?* de Adirley Queiroz busca resgatar uma memória perdida da Ceilândia, a cidade em que vive e produz cinema. Além de alguns momentos incríveis, resalto a presença de cenas em que essas duas experiências de paisagem são exploradas primorosamente e mostram-se completamente distintas. O trailer pode ser visto no endereço: <<http://vimeo.com/44499067>>.

dá e sobra. Mas não se deve confundir vazio com vácuo, pois este encontra-se intensamente povoado, repleto de trajetórias que o atravessam e o convertem em território usado. Vazio que também não é escala bucólica, esta vaga função presente no projeto modernista, pois não se trata mais, como nos anos 1950, de trazer o campo para a cidade enquanto paisagem - naturalista, iluminista, pura. Mais do que paisagem, trata-se de uma geografia do lugar qualquer e de uma ecologia do vazio urbano, que em Brasília mostra-se no domínio da extensão (mas que mereceria mais intensidade). Menos paisagem e mais território, portanto. Mas território ainda não esquadrihado de propriedades ou decantado de significados; espaço por constituir e preencher de significados, cujos usos e modos de ocupar ainda não foram formalizados (talvez alguns, poucos) e, por isso, aberto a explorações de outras práticas - menores, lúdicas, efêmeras, marginais, mestiças. Nos vazios de Brasília é onde podem se instalar os setores de imaginação e de ócio, setores livres, de picnics, de protesto e encontros, e tantos outros⁷ preferencialmente misturados, mas também improvisados, intermitentes, superpostos e em disputa.

operação 4: (transa)ção porosa

Ação do Poro sobre Brasília, ação de Brasília sobre o Poro. Operações simultâneas e engendradas em uma única trans-ação. Transa que parece ter tornado inadequado qualquer pré-disposição em criar algo útil sobre Brasília.

- "Basta de funcionalidade"... Confessa Brasília em segredo aos artistas.

- "Defendamos então a disfunção para o vazio"... Sussurra em resposta a dupla.

E neste pacto de cumplicidade, a transa só se efetivou quando despiram-se ambos de suas prerrogativas projetuais. Da parte de Brasília, suas funções e setores, escalas e demarcações. Da parte do Poro, a tentativa de criar um guia. Abrir-se então às surpresas e aos riscos da experiência urbana em Brasília, conscientes de que *de perto uma cidade não cabe no mapa*. Caminhar sem objetivo claro, percorrer o vazio, encontrar acontecimentos, perceber paisagens insólitas, sentir as condições do próprio percurso, parecem ter sido algumas das táticas utilizadas ao longo da experiência. O Poro percebe que em Brasília *o cotidiano amolece a geometria*. É então no cotidiano, em circunstâncias que as escalas não explicam, que o Poro tece suas retóricas caminhativas. Narrativas propositadamente fragmentárias, já que fruto de uma curta e despreziosa passagem, mas que não se furtam ao capricho de sugerir como

7. A referência aqui é às intervenções com placas de sinalização na cidade chamada "Outros setores para Brasília".

algumas funcionalidades podem ser desativadas, tampouco de compartilhar registros de singelos episódios desviantes, lances de subversão criativa ao planejamento totalizante e à racionalidade eficiente.

Francesco Careri, em seu livro *Walkscapes*, defende que o caminhar, se compreendido como prática estética, carrega uma potência não apenas de leitura mas também de transformação da paisagem. Converte-se assim numa forma de arquitetura, que não constrói edificações, mas preenche espaços de significados. Ao atravessar o espaço, o caminhar constrói um *percurso*, palavra que carrega três significados complementares, como descreve Careri: “o termo percurso se refere ao mesmo tempo ao ato de atravessar (o percurso como *ação* de andar), à linha que atravessa o espaço (o percurso como *objeto arquitetônico*) e ao relato do espaço atravessado (o percurso como *narrativa*)”⁸.

Este triplo significado, se for possível decompô-lo em diferentes operações, está presente em diferentes momentos da obra do Poro em Brasília e possibilita adentrar em outros aspectos dessa aproximação dialógica com o trabalho. O primeiro significado, por exemplo, – percurso como ação – pode ser identificado com a própria experiência da dupla em percorrer à deriva o espaço de Brasília, enquanto o terceiro – percurso como narrativa – seria, nesta perspectiva, o próprio conjunto de trabalhos expostos no espaço Funarte. As obras apresentadas, em linguagens e formatos variados, seriam relatos do percurso ao compor enquanto conjunto uma narrativa multifacetada e não linear que, enquanto arte, não se limita a descrever a experiência, permitindo-se inclusive ficcionalizá-la a fim de amplificar seus efeitos. Como diria Michel de Certeau, “mais que descrever um golpe, ela o faz”. Quanto ao segundo significado – o percurso como objeto arquitetônico –, seria talvez preciso apelar para algum tipo de abstração, se não fosse pela presença oportuna da obra “*fora do grid*” em meio ao conjunto da exposição. Mas sugiro também aqui um deslocamento inicial de ponto de vista a fim de amplificar os efeitos do trabalho, similar à inversão paisagística que converteu o carro em desenho na paisagem.

O deslocamento aqui proposto é para um ponto de vista nômade de território e espacialidade, como descrito por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que o distinguem de uma concepção sedentária, onde se “distribui aos homens um espaço fechado, atribuindo a cada um sua parte e regulando a comunicação entre as partes”. Esta visão, que parece coincidir com a prática do Estado, encontra na cidade moderna – dividida em setores monofuncionais ligados por uma trama viária eficiente – seu exemplar mais evidente. No entanto, é neste mesmo modelo de cidade que surgem imensos espaços vazios, não apenas nos intervalos entre setores definidos, como no próprio interior

8. CARERI, Francesco. *Walkscapes: el andar como práctica estética*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003, pp. 25.

destes setores. A territorialidade nômade, que ao contrário da sedentária, “distribui os homens num espaço aberto, indefinido”, encontra aí um fértil campo de operações. Sua prática territorial consiste em *alisar* o espaço, mesmo aqueles já esquadrinhados pela lógica patrimonialista, marcando-o apenas com rastros, “traços que se apagam ou se deslocam com o trajeto”⁹. É segundo essa perspectiva que o trajeto entre pontos fixos adquire mais importância que os pontos em si, e as marcas deixadas no trajeto constituem a arquitetura do percurso.

“*Fora do grid*” explicita de maneira astuciosa não apenas uma invisível dialética cotidiana que se estabelece entre esses dois modos de ver, praticar e transformar a cidade, como também mostra que na especificidade urbana de Brasília, o percurso pode converter-se numa arquitetura de fato palpável e visível. Em hábil composição com fragmentos de um mapa oficial e escrituras sobre a função do *grid*, as trilhas marcadas nos gramados da cidade, em *zoom out*, deslocam a atenção da ação de percorrer para as marcas que essa ação deixa no espaço – o percurso enquanto arquitetura. Vistas do alto, as linhas de terra que rasgam insidiosamente as superfícies verdes, expressam não apenas a ação anônima dos habitantes da cidade em percorrê-la fora do *grid* (ou fora do plano), como também a intensidade – por vezes violenta – do acúmulo de percursos realizados sobre uma mesma trajetória. Se vistos, enfim, como narrativa, estes percursos ao mesmo tempo denunciam o completo desconhecimento dos planejadores sobre as lógicas pedestres e reivindicam a incorporação de suas arquiteturas nômades ao *grid* oficial da cidade. Se fosse possível falar de um manifesto do Poro para Brasília, este trabalho seria sua síntese. Mas as coisas desúteis não funcionam assim.

Dos rastros do percurso

Ao longo dos percursos pelos vazios urbanos de Brasília, ação, rastro e narrativa vão se interpolando, ao ponto de se dissolverem os limites entre as operações. O Poro navega aí com seu arsenal comunicativo, suas formas leves de compartilhamento e distribuição de ideias. A exposição no espaço Funarte, além de oferecer à interação com o público a obra criada a partir da experiência, funciona também como central de distribuição dos cartazes e cartões postais que a compõem, complementados por arquivos disponíveis para download. As fronteiras espaciais e temporais da galeria são assim transpostas, e o trabalho pode se espalhar pela cidade e seguir provocando efeitos para além da duração da exposição. Para os autênticos viajantes, daqueles que fazem cadernos de viagem, as *paisagens escritas* e desenhadas são tão importantes

9. As citações foram retiradas do “Tratado de Nomadologia”, in: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol.5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

quanto fotografias e mapas para a memória do percurso. Os postais são fragmentos desse percurso, mas diferentemente das usuais fotos de monumentos, compartilham com seus destinatários anônimos registros de visadas, sensações corporais ou *insights* reflexivos sobre a cidade que experienciaram.

Se o urbanismo tem algo a aprender com a arte é sua capacidade (ou necessidade) de colocar em questionamento as condições de sua própria existência, seus modos de (re)ver a cidade e seus próprios procedimentos. Os trabalhos do Poro, tão simples em aparência, escondem uma busca intensa pela criação de novas maneiras de comunicar perceptos e propostas para a vida comum e as formas de usar a cidade. O que os percursos do Poro encontram em Brasília são potências que já se insinuam. Longe de qualquer tentativa de representar Brasília ou de dizer algo sobre Brasília o Poro conversa com Brasília. Aponta para territórios povoados de práticas menores, nos convocando a produzir também ocupações outras e significados outros, sem finalidade alguma que não seja cumprir alguma desfunção qualquer. Modos de ver, modos de usar, modos de transformar a Brasília contemporânea em um sentido que reivindica da cidade uma leveza que essa contém em devir. Leveza brincante; cidade parque (de diversão). Modernidade profanada, porque desfuncionalizada. Mas que se entenda que propor usos desfuncionais não é nada desimportante. Frente às formas contemporâneas do planejamento das cidades – seus autoritarismos ocultados, suas libidinosas manipulações de imagens e discursos publicitários para a subjetivação do consenso, ou os fantasmáticos modelos de participação civil – sob a evidente hegemonia dos interesses financeiros e imobiliários, inúmeras urgências emergem. O Poro nos atenta para a urgência política de desfuncionalizar Brasília; para uma retomada dos sentidos desúteis da vida urbana.

***Gabriel Schvarsberg** é arquiteto e urbanista (UnB, 2006) e mestre em processos urbanos contemporâneos (UFBA, 2011). Foi professor da Faculdade de Arquitetura da UFBA e coeditor da revista Redobra (2010-2012). Atualmente desenvolve doutorado sobre a política da rua e integra o Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (IPPUR/UFRJ). Viveu em Brasília entre 1990 e 2008, onde se tornou ciclista e desenvolveu estudos e projetos na área de mobilidade não-motorizada. Mesmo à distância Brasília ainda povoa seu universo afetivo e segue mobilizando seus pensamentos sobre cidade.





Setor de Respiro

RESPIROS DE URGÊNCIA!

Bené Fonteles

Já faz uns anos que diante dos cartazes do Poro numa mostra em Belo Horizonte¹ no Oi! Futuro, fiquei alumbrado, e não me saiu da cabeça o cartaz vermelho, com a estrela socialista e as painéis em linhas amarelas, onde escrito estava: *Cozinhar é um ato revolucionário*. Sou cozinheiro desde os doze anos e aprendi isso na prática. Sei dessa necessidade tanto no real quanto na arte – o atelier de um artista é a cozinha de um alquimista. Sei de como é comunista partilhar o que se cozinha com muitos – no sentido de que abundância é ter e repartir o pão... e por isso o cartaz mexeu muito. Afinal, quem não sabe cozinhar ainda não é um ser liberto.

Meu segundo encontro com o trabalho do Poro foi na mostra da Funarte² em Brasília, quando vieram expor observações plurais sobre a cidade em suas complexidades múltiplas e incoerentes, fascinantes de digerir, reler ou *transver* – como diz Manoel de Barros. Brasília é uma cidade anti-cidade feudal. É também o parque que adoramos viver, o estacionamento solitário que nos fins de semana poderíamos curtir de outra forma, mais lúdica e solidária.

1. A série “*Por outras práticas e espacialidades*” de cartazes do Poro participou da exposição coletiva Esses Espaços na Galeria do Oi!Futuro em 2012

2. A exposição Brasília: (Cidade) [Estacionamento] [Parque] [Condomínio] foi realizada pelo Poro na Funarte de Brasília entre dez/2012 e jan/2013.

Brasília, essa urbe que não é só um tubo de ensaio do moderno, mas também, um tubo de ensaio da utopia do século XX e XXI. Como morador da cidade, posso afirmar: esse projeto modernista – que muitos querem que seja um fracasso – é o projeto onde nós habitamos, por puro desafio.

As questões que o PORO traduziu com seca e precisa *poesis* em suas vindas à cidade produziram uma proposta tão consistente quanto pertinente. E tudo isso com um per-tencimento angular de amplidão como o cerrado que se oferece qual dádiva generosa de espaço e paisagem.

Tudo sacado com um humor fino e sem aquele travo formal da arte contemporânea do ter que pensar arte, em vez de vivê-la com verdade, ou, de querer agradar seguimen-tos acadêmicos, mercadológicos e midiáticos, como se gerar coisas imagéticas e sem poética, fosse tudo do melhor e do mais sério.

Fazer arte ainda é um ato revolucionário e transgressor da pobre realidade que se impõe. A cidade de Brasília ainda é recriada a cada dia pelo seu povo artista dentro e fora deste tubo de ensaio da utopia para os séculos que virão, como se um poema visual fosse, uma obra aberta que Lucio Costa muito bem desenhou. Cabe a nós seres *de poder*, ir poeticamente transgredindo as regras dos seres *do poder* que aqui ficam famintos dele de terça a quinta, sujando nossa bela casa, plantada pelo esforço quase desumano dos candangos e com a genialidade formal e escultural de Niemayer.

O Poro soube sacar o que eu já tive vontade de fazer há tempos: botar planta ao redor do Museu da República, pois Seu Oscar não quis vegetação alguma para se ver nua a bela forma que ali plantou num deserto de boas intenções. Mas vá atravessar aquilo num dia seco e quente...

E também sacou legal as árvores cortadas, com os jarros colocados por funcionários das autarquias sobre os troncos nos anexos dos ministérios, como se pudesse se substituir o frondoso e o útil atingido pela insanidade dos chefes burrocratas.

As observações que levaram o Poro a colocar placas de setor isso e aquilo em lugares de grama e árvores, não podiam ser mais geniais. A reflexão arguta sobre os cami-nhos³ que o povo desenha e cria naturalmente para andar nas áreas livres em con-traponto às alamedas de concreto dos urbanistas insensíveis frente a necessidade de mobilização popular.

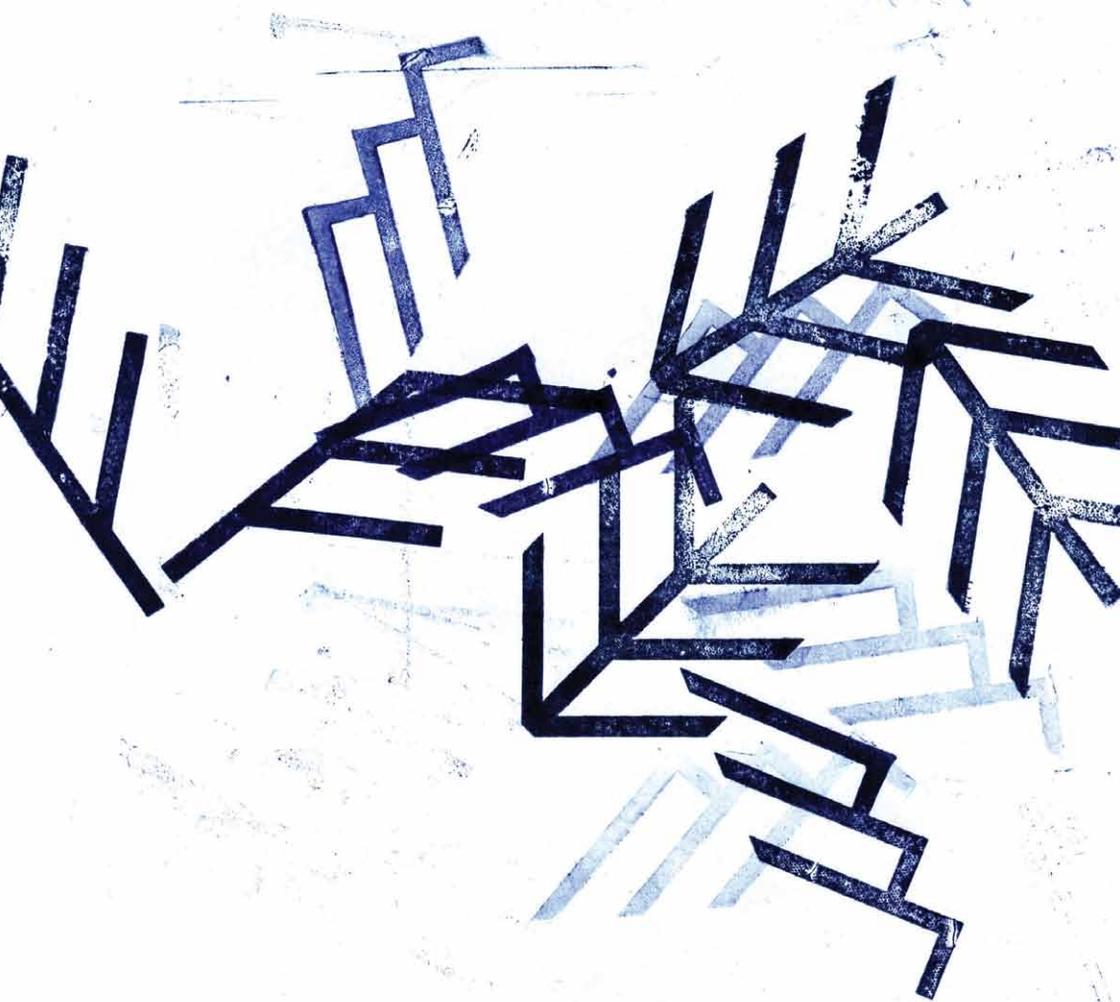
3. Registro aqui que no Campus da UnB foi respeitada pela sua administração mais atenta a vontade do itinerário natural dos seus usuários.

O que o Poro propõe tem amplas repercussões no ambiente, interferido sem ferir, numa atonal interatividade poética gerando “campos de ampliação da consciência” – como dizia Joseph Campbell. Ao mesmo tempo não toca só pela ação inusitada, mas também pela transgressão imanente, quando frases e imagens que transmutam o ambiente, são dardos de enorme potência nos *pequenos deslocamentos* das ações poéticas que criam largos poros, respiros urgentes na densa malha urbana, para penetrar no coração mais empedernido do sujeito e na carne mais dura do objeto alvo.

A meu ver, a sensibilidade perceptiva do Poro ficará de alguma forma na história cultural da cidade de Brasília. Gravada por ideais poéticos que deveriam ser adotados, não só pelo nosso imaginário, mas para o bem do patrimônio da urbe tombada – para que essa mesma urbe, não fique apenas *tomada*, pelo inflexível e pela impermeabilidade patrimonial. Precisamos ser patrimônio universal da humanidade criativa e livre das convenções que armam e não amam. “Pelo ser sem cercas” como diz TT Catalão.

É urgente que se permaneça a provocação sinalizada pelo Poro: SETOR DE ÓCIO, SETOR DE GRATUIDADE, SETOR DE RESPIRO, SETOR DE CONTEMPLAÇÃO...

***Bené Fonteles** mora em Brasília há 22 anos e é encantado pela cidade. Coordena o Movimento Artistas pela Natureza, que existe desde os anos 80. É compositor e poeta com vários discos editados. Curador e artista visual com obras nos mais importantes acervos de museus do país. Sobre sua obra foi editado o livro e o documentário “Cozinheiro do Tempo”. Escreveu e editou livros sobre Gilberto Gil, Ney Matogrosso, Luiz Gonzaga, Rubem Valentim, Athos Bulcão e outros.



QUASE-ENSAIO

Eduardo de Jesus

*“Os passos tecem lugares, moldam espaços,
esboçam discursos sobre a cidade”*

Michel de Certeau

Deambular pela cidade é um dos modos de nos deixar afetar pelos fixos e fluxos que caracterizam seus espaços. Cada uma das cidades traz, em sua multiplicidade de signos e representações, as marcas do tempo, as questões da história e uma espécie de palimpsesto da memória aproximando distintas épocas e estilos. Restos de um estilo restaurado aqui, convivem com a novidade de uma solução arquitetônica atual acolá, transformando as cidades em potentes enunciados dos nossos modos de vida, dos saberes e dos poderes que atravessam nossas experiências. Quando experimentamos a cidade podemos (ou não) nos ater a esses aspectos e com isso perceber os processos de significação que envolvem a cidade e nos afetam como sujeitos.

Uma cidade planejada como Brasília nasceu, por um lado, na rudeza de um terreno vazio como uma espécie de linha de fuga do sonho utópico tropical de modernizar-se e de alguma forma civilizar-se ao olhar estrangeiro. Soma-se a isso, por outro lado, uma complexa trama política e social que animou o Brasil na décadas de 1950 e 1960 dando vigor e materialidade ao sonho de modernização. A força simbólica de Brasília incrusta-se tanto na história do Brasil, quanto na da arquitetura modernamundial como um ponto de inflexão que desprende-se em inúmeras outras questões e problemáticas, (inclusive um portentoso conjunto de críticas e assimilações em torna do fracasso da arquitetura moderna) formando um rizomático campo de tensão. Forma simbólica que alavancou o imaginário brasileiro e mundial, Brasília é uma cidade ímpar em sua artificialidade, em seu intrínseco paradoxo entre plano-piloto e cidade-satélite e especialmente nos diálogos, atualizações e críticas que podemos desenvolver na força da contemporaneidade.

É nessa lacuna entre o sonho modernista e os domínios da contemporaneidade que o Poro se coloca para perceber Brasília. Um olhar que de um lado atravessa a herança do ideário modernista, em torno do espaço, e de suas possibilidades de fruição. De outro se sensibiliza com as experiências urbanas que experimentamos hoje em dia, que assimilaram a especulação imobiliária, as exclusões de toda ordem e a crescente crise do espaço público a favor de novas espacialidades que oscilam entre os espaços ditos semi-públicos (como *shoppings centers* e condomínios) e os espaços privados.

O gesto que anima a produção do Poro nessa aproximação com Brasília, para a exposição na FUNARTE, mais uma vez toma estratégias diversas para conseguir subverter a visão mais tradicional do espaço, abrindo pequenas frestas para o acaso e as assimilações irônicas que nos levam a pensar no modo como habitamos e ocupamos os territórios e lugares. Característica do Poro, essas irônicas apropriações, aqui ganham uma densidade maior, graças a todo imaginário que circunda Brasília e seu papel fundamental na arquitetura e no urbanismo.

As frestas que se abrem pela ação do Poro são escavadas na cidade planejada em torno dos cânones do modernismo e por isso ganham um novo estatuto que se de um lado trama-se na ironia, como de costume nas produções do Poro, de outro abre-se para as questões históricas e as heranças do modernismo. Nessa operação do Poro, em torno de Brasília, o que vemos é uma espécie de “quase-ensaios” sobre o legado do modernismo na arquitetura e os impactos nos modos contemporâneos de experimentar o ambiente urbano cotidianamente, deslocando-se assim da especificidade de Brasília, para alcançar outras abrangências e contornos. As obras parecem se estruturar no deslizamento entre a descrição quase científica do espaço e de suas possibilidades e a total indicação de formas subjetivas, poéticas e subversivas de apropriação dos territórios e lugares. Se a proposta inicial era “criar um guia afetivo para o centro”, ao ver-



Itens parecidos são distribuídos de maneiras parecidas para que suas semelhanças ganhem destaque e possam ser identificadas.



mos a exposição percebemos que o Poro parte de Brasília para, nesse gesto ensaístico, alcançar outras cidades e estruturas funcionais de produção do espaço, que se por um lado o delimitam, por outro sofrem as intensas ações do cotidiano.

Os desvios e atalhos presentes na série “Fora do grid” talvez sejam o que melhor espelham essa situação. Abrindo-se para uma poderosa aproximação entre o grid da cidade planejada e aqueles típicos do design gráfico, a sequência de projetos arquitetônicos, intercalados com fotografias aéreas de inúmeros atalhos e desvios, mostram a força do cotidiano na desfuncionalização da experiência no espaço, que apela para praticidades e espertezas típicas do improviso e da subversão dos caminhos traçados. São inúmeros caminhos desenhados na grama pelo desgaste de quem passa por ali.

As “Paisagens Escritas”, série de cartões postais apenas com textos, dialogam fortemente com as “Situações Brasília”, série de cartazes ilustrados, num jogo entre a franca subversão das funcionalidades modernistas pela improvisação, alteração do uso ou pelas aproximações políticas que o contexto de Brasília inevitavelmente suscita. Os jogos entre os cartazes e os postais, nas suas formas entre o texto e a imagem, assim como no conteúdo, são inúmeros. Podemos destacar a ênfase nos carros – elemento que agora surge em profusão – que estabelecem diálogos com a paisagem modernista enviesando novas possibilidades, mesmo que geométricas, na grande composição entre os ideais modernistas e a vida cotidiana. Nesse jogo orbitam ainda as questões políticas que deflagram novos sentidos para a imagem, quando os elementos simbólicos típicos do ambiente de Brasília entram em cena.

O maior tensionamento, no entanto, se dá na série “Outros setores para Brasília”, intervenções com placas na cidade, que trazem textos diagramados de forma “quase oficial”, com ótima leitura em placa de fundo verde e letras brancas graúdas e limpas.

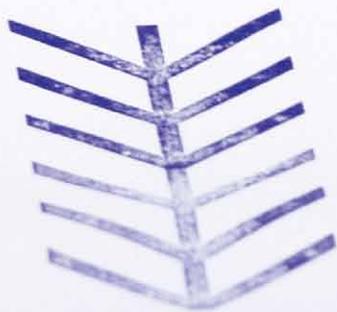


Os textos setorizam Brasília de outro jeito, desfuncionalizando o espaços das práticas mais objetivas, típicas do modernismo, para abrir outras possibilidades bem mais ligadas a experiências subjetivas, como “setor de contemplação” ou “setor livre”. Apesar dos espaços serem quase idênticos em todos os setores que o Poro inventa, a operação revela uma possível desterritorialização, caso siga-se as instruções e indicações da proposta de cada setor. Gesto que mais uma vez encaminha-se para o “quase-ensaio”, já que as intervenções nos permitem diálogos com as questões mais amplas da apropriação do espaço urbano e suas sucessivas formas de controle e setorização artificial da cidade.

Os estacionamentos que inundam a paisagem de Brasília, na mesma sintonia das outras obras, ganham destaque na criação da fonte tipográfica “Parking.ttf”. Inspirada em “Utopia” de Detanico e Laim, outra fonte que tem Brasília como pano de fundo, “Parking.ttf” retira sua vitalidade das inúmeras formas que a sinalização alcança nos estacionamentos da cidade. Um fonte que assume a dinâmica de ocupação do espaço pelos carros, como forma e ritmo, revelando a importância incomoda desse novo elemento na dimensão simbólica das paisagens urbanas do Distrito Federal.

Todo o jogo de subversões, passagens e apropriações desenvolvidos pelo Poro desenha, como vimos, essa espécie de “quase-ensaio” que revela e demonstra, desde de Brasília, a força do pensamento modernista ainda em cena em outras cidades, partindo assim do específico para o geral. Esse jogo amplia a potência das obras que ganham mais densidade em seus questionamentos e proposições nos colocando de volta ao espaço urbano, instigados pelo descontrole, pela improvisação e pelas formas que usamos para singularizar nossa ação no espaço desfuncionalizando-o. Longe de regras e leis, o Poro, em seu “quase-ensaio” nos convida a perceber, em que medida, podemos requalificar nossa experiência no espaço.

***Eduardo de Jesus** conheceu Brasília na metade da década de 1970, quando ainda era criança, e impressionou-se com a grandiosidade dos prédios e os imensos espaços vazios. É graduado em Comunicação Social pela PUC Minas, Mestre em Comunicação pela UFMG e doutor em Artes pela ECA/USP. É professor do programa de pós-graduação da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas. Integra a Associação Cultural Videobrasil. Coordenou e atuou como curador dos projetos “Circuito mineiro de Audiovisual” e “Imagem-pensamento”. Atuou como curador na exposição “Dense Local” no contexto do festival Transitio-MX (Cidade do México, 2009) e “Esses espaços” (Belo Horizonte, 2010).



perspectivas
que alongam

geometrias
ladrilhadas

orbitas
e uma

superpovoados
em torno
da cartesiana

longas
aminhadas
ao sol

enxames páticas
cimento

o continuo
le curvas

o
páticas
et. páticas

o
páticas
o

longas
caminhadas
ao sol

] PAISAGENS ESCRITAS: impressões, narrativas, afetos [

Remetente: Laura Castro

*Em Brasília tenho que pensar em parênteses
(...) Eu não passo de frases ouvidas por acaso.*

Clarice Lispector

Me sento naquela árvore pouco velha de algum imenso gramado, desses que engolem gentes, no cerrado de Brasília. Nos meus bloquinhos poéticos sobre as ilhas se somam anotações de processo, registros de ações de Brígida Campbell, de Marcelo Terça-Nada. Por entre eles atravesso colchetes, chaves, parênteses, vou ao encontro de BRASÍLIA: [CIDADE] [ESTACIONAMENTO] [PARQUE] [CONDOMÍNIO].

Entre as folhas de um caderno de viagem, pouso postais, fragmentos, situações propostas pelo PORO, que, de encontro ao monumental, tão caro à capital federal, me convoca a delicadeza¹, naquele verso do verso em branco de cartões-postais, onde, de outro lado, se imprime uma paisagem escrita. Entendo delicadeza justamente em contraposição ao monumental, ao moderno, como propõe Denilson Lopes, porque me parecem que as ações do coletivo, ali, operam no acionamento do sublime do banal, da poética do cotidiano.

Levo, pois, comigo, um pedaço daquela cartografia solta (de cartazes, carimbos, folhas, cartões) para o cotidiano daquela ilha, sertão de mim. Assim, de convocar a suavidade, mesmo em meio a paisagens cimentadas, azulejadas, áridas, colocam em ação, antes de tudo, o meu desejo de remeter aquele agora, aquele dezembro-janeiro, passagem de ano das mais místicas, 2012 a 2013. Escuto, executo: remeto postais preenchendo a cidade afetiva com metáforas, atravessando e sendo atravessada por ela. Lá, no papel, um setor de áreas isoladas, as áreas vazadas de cartões postais.

1. Ver LOPES, Denilson. *A Delicadeza: estética, experiência e paisagens* - Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

Não estaria Brasília também naquele quadrado de bordas pontiagudas? Neste vazio, neste convite à escrita, ao envio? Não tem um pouco ali do grito parado no ar? O espaço calculado para nuvens, o grande silêncio como descreveu Clarice Lispector? A solidão dividida em blocos dos poemas de Nicolas Behr?

Da mesa de postais, do convite de escrever sob janelas, sob paisagens descritas com pouco mais de três palavras, escolho algumas, anexo impressões, narrativas, afetos. Habito um lugar de trânsito, embora da ordem do encontro, do cruzamento, rápido e rarefeito, como são em Brasília os balões, as tesourinhas, os eixos. Nela, fora e dentro, filha adotiva que somos, muitos, me deito neste gramadão de palavras, abro os poros e narro *longas caminhadas ao sol*

para priscila risi, para carolina fonseca

babe,

fico pensando se não é a alucinação a justificativa daquilo que faltou de arte, se é que pode se justificar, se é que se pode chamar assim. só um prolongamento da sessão de cinema pra essa janela, esse som. fico pensando num bocado de coisa. e a cidade ao mesmo tempo também me atravessa de memórias, de um estranho estado. será que deve ser assim ser ovo? fico ouvindo e repetindo, belchior revolutions, belchior revolutions. será que escrevo diferente com aquela mata chiando, com esse corpo-cidade digitando de uma gambiarra que não deu certo, um acampamento? será que escrevo diferente sendo atravessada pela cidade, ou que esse dedo só, esse corpo sentado desse jeito, tudo isso, eu repito, tudo isso, junto. será que não é isso? amar e mudar as coisas me interessam mais. coisas reais. reais, babe? como?

entre algum

goiás - plano piloto-pós-plano piloto

POSTOJOTAKRISTO

SENSUELEN

COCARI

UNIDADE CAMPO ALEGRE

CTG NOVA QUERÊNCIA

Série "Postais para Brasília" Poro, 2012 www.poro.redezero.org



*Meu corpo que cai
Do oitavo andar*

talho, fio e digo, cosendo e cortando, cosendo e cortando. muito sol me refresca o talho. o sol como curandeiro, cicatrizando a pele. cascas, restos, reutilizáveis. pó e desprezo varridos sem pá. revolvidos de terra. esforço nenhum quase só um carinho no cristalino para que se possa ver melhor a lua, nascendo por detrás daquela árvore que se põe como sombra naquela lua que nasce, depois de despontar, muito rápida, muito gema.

vigiava para não me deixar desendurecer. por isso, era depressa qualquer alucinação, pois as coisas tinham uma realidade onde não cabiam voltas, porque tinham uma bruta sonoridade, com uma grandeza de poesia que nunca aconteceu densa que foi, por isso não era voltar. ou estou me confundindo que já vivi esse sertão na voz?

quando ecologizei, só bastou isso, não perguntar.

endurecer depressa

logo após cada despedida

virar pedra. um pouco.

fortaleza

qualquer coisa acima do diafragma que enrijece e ajuda a seguir.

no umbigo, uma bacia de terra.

tempo de quaresmeira

e alguma cerca viva

*uma palavra em diminutivo que se perdeu no chapadão do pasto e as mães se
aguando os olhos e eu desejando o regador para a aridez da vida sem sentido,
essa do ninho vazio.*

ê boi.

PARA bERIMBA JESUS

Just the Wind blowing _

Without legs.

_ an ant climbing the paper

sweet paper, honey

[...]

a writing made of sugar

volúvel, não

very

solúvel.

green grass

des_carregador_-----

and a lake

rega essa grama

dancing over me

para pôr os pés

I already lived

e sonhar, outra vez

this kind of body

a very late lake soul

*Escritora de bloquinhos, **Laura Castro** é mestre em Literatura e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. Autora dos livros 'Fio condutor' e 'Cabidela: bloco-de-máscaras', é movida pelo desejo de experimentar diferentes possibilidades materiais da escrita. Atualmente, dedica-se aos experimentos literários postados em www.oarmarinho.blogspot.com. Viveu em Brasília dos 12 aos 24 anos e sempre aprende e desaprende da cidade, a cada retorno.

grandes
gramados
áridos

SOBRE A EXPOSIÇÃO BRASÍLIA: (CIDADE) [ESTACIONAMENTO] (PARQUE) [CONDOMÍNIO]

Poró

A cidade tem sido nosso território de interesse. Mesmo quando desenvolvemos projetos para uma exposição em uma galeria, queremos fazer com que as pessoas olhem de outros modos para a experiência no espaço público. Queremos atuar na camada simbólica da cidade e propor leituras gráficas e poéticas sobre a paisagem e os elementos do meio urbano.

Desenvolvemos durante o segundo semestre de 2012 um conjunto inédito de trabalhos visuais sobre Brasília, fazendo uma abordagem crítica e poética da cidade. Os trabalhos foram apresentados na exposição Brasília: (Cidade) [Estacionamento] (Parque) [Condomínio] que aconteceu na Galeria Fayga Ostrower/Funarte nos meses de dezembro/2012 e janeiro/2013.

A pesquisa, projetos, anotações e registros da exposição foram publicados num catálogo impresso distribuído no último dia da mostra, após um debate sobre nosso processo de criação e vivências na cidade. A versão eletrônica do catálogo está disponível para download gratuito em: www.poro.redezero.org/publicacoes/catalogo-brasilia

A exposição buscou colocar em discussão questões relativas à cidade de Brasília por meio de impressos, fotografias, instalações e intervenções urbanas que sugerem outras percepções da capital federal. A galeria funcionou como um espaço de proposições, onde foram distribuídos, cartazes e cartões postais para que o público levasse os trabalhos para outras partes da cidade.

→ Situações Brasília

Esse trabalho surgiu de percepções que tivemos durante nossas caminhadas pela cidade. Enquanto andávamos fizemos uma série de anotações: desenhos, textos, fotografias. Nossa busca era por situações que sintetizassem aspectos da cidade de Brasília. Nos interessava tudo aquilo que fugia de uma lógica cartesiana, tudo que “desconstruía” o planejamento. Entendemos que as cidades são orgânicas e nos interessava vivenciar de perto os desvios e atalhos de um lugar onde o planejamento urbano, num primeiro olhar, é onipresente.

Dentre as diversas situações que encontramos, escolhemos quatro, com as quais desenvolvemos uma série de cartazes. Esses cartazes foram apresentados dentro do espaço expositivo em forma de lambe-lambe (colados em série na parede) e ficaram disponíveis em pilhas sobre quatro mesas tipo “camelô” para que os visitantes levassem os impressos para onde quisessem.

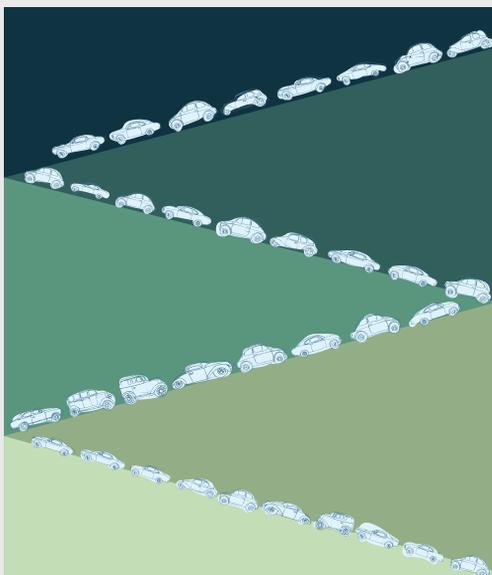
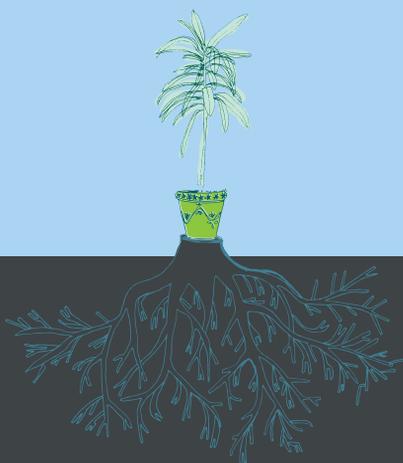
Na montagem da parede, trabalhamos a seriação das imagens, como se aquelas situações estivessem multiplicadas. A escolha da mesa precária para disponibilizar os cartazes fazia alusão às bancas informais que existem meio a Esplanada dos Ministérios. As pilhas de cartazes e o convite para que as pessoas levassem um de cada consigo geraram um transbordamento da exposição, para além da galeria, rumo aos mais diversos destinos, sejam ambientes domésticos ou espaços públicos. Assim as questões e discussões contidas naquelas situações de Brasília, se espalharam por várias partes da cidade (e de diversas cidades) e continuam a circular.

PESSOAS ESCORREGAM DE PAPELÃO NO GRAMADO DO CONGRESSO



PESSOAS DESCANSAM SOB AS ÁRVORES

VASOS SUBSTITUEM ÁRVORES CORTADAS



CARROS CRIAM DESENHOS NA PAISAGEM

→ Cidade Estacionamento e PARKING.ttf

Brasília é uma cidade voltada para os carros, com suas grandes avenidas e distâncias a serem percorridas. Seu desenho urbanístico e [apenas recente] modelo de transporte público, faz com que seja uma cidade onde é bastante difícil viver confortavelmente sem um automóvel. Esse histórico somado aos constantes incentivos para compra de carros, está transformando a cidade em um grande estacionamento a céu aberto. Para onde se olha, se vê carro.

Contrastando com os dias úteis quando as ruas estão cheias e grandes áreas ficam preenchidas por carros parados, tivemos uma surpresa ao chegar na Esplanada dos Ministérios no fim de semana e não encontrar quase nenhuma pessoa ou carro. Ressaltando a potência gráfica das marcações dos estacionamentos, fizemos um ensaio fotográfico com essas raras imagens de enormes áreas vazias.

A partir deste trabalho, iniciamos um levantamento das tipologias dos estacionamentos, catalogando os desenhos e diversas configurações deles. Percebemos que ali existia um “alfabeto” urbano. Comum no imaginário de qualquer cidadão, mesmo daqueles que não possuem carros. Foi aí que tivemos a ideia de criar uma tipografia digital, cujo desenho tipográfico seria esse alfabeto dos estacionamentos:



A



B



C



D



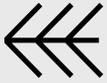
E



F



G



H



I



J



K



L



M



N



O



P



Q



R



S



T



U



V



W



X



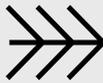
Y



Z



1



2



3



4



5



6



7



8



9



0



→ Novos Setores

Mas Brasília, não é só carros, velocidade e distância. É também uma cidade-parque com inúmeras áreas verdes e espaços públicos espalhadas por toda a mancha urbana. Nós que adoramos um picnic sempre fomos impressionados com aqueles grandes gramados. Mas percebemos que poucas pessoas utilizam esses lugares. Daí pensamos em produzir alguma ação que estimulasse as pessoas a ocuparem essas áreas e/ou que propusesse outros olhares sobre eles.

Brasília é uma cidade toda setorizada, há setores de Indústrias Gráficas, de Diversões, de Mansões, de Embaixadas, de Igrejas e por aí vai...

Pensamos em “criar” novos setores para a cidade, propondo (ou marcando) usos para as áreas verdes da cidade. A partir do design das placas de sinalização existentes em Brasília, criamos uma série de placas para “demarcar” novos setores: Setor de Respiro, Setor de Imaginação, Setor de Contemplação, Setor de Ócio etc. As placas foram colocadas em diversas partes do plano piloto e arredores. Algumas ainda sobrevivem instaladas.

Brasília é uma cidade que no primeiro momento assusta por sua monumentalidade e geometria moderna. Durante as caminhadas, o sol não deixa esquecer a secura e a aridez do cerrado. As perspectivas se alongam. Os pátios de cimento refletem tanta luz que quase apagam a lembrança de sombras de árvore. Os pedestres e errantes agradeceriam se aqueles deliciosos corredores arborizados das superquadras se espalhassem por toda a cidade. Nada é tão longe (ou tão perto) quanto parece. O ruído do trânsito serve de pano de fundo para uma paisagem quase monótona de carros passando ao longe. Se em muitas partes há o vazio, no encontro dos Eixos há a multidão, chegando ou partindo para as satélites superpovoadas.

Conforme se convive com a cidade, vendo-a mais de perto e vivenciando seu dia-a-dia, nos deparamos com uma Brasília onde existe muita diferença nos lugares que a princípio pareciam padronizados. Deixando a cidade mais maleável e porosa. Meio ao rigor do plano arquitetônico se encontram transformações, usos e abusos. Públicos e privados. Redesenhando utopias, tencionando interesses de diversas ordens.

Brasília se mostrou super interessante e cheia de potencialidades gráfico-poéticas. Para conhecer uma cidade é preciso mergulhar em seu cotidiano.

Definitivamente: de perto, uma cidade não cabe no mapa.

A black rectangular sign with white text is placed on a grassy lawn. The sign is supported by two black legs. The background consists of a dense line of trees with thick trunks and lush green foliage, creating a shaded area. The foreground is a mix of green grass and brown fallen leaves.

Setor de Ócio

*O **Poro** é uma dupla formada pelos artistas Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada! Atua desde 2002 realizando intervenções urbanas e ações efêmeras que tentam levantar questões sobre os problemas das cidades através de uma ocupação poética e crítica dos espaços. Com olhar de passante, esteve em Brasília diversas vezes, aprendendo a gostar cada vez mais de lá. Em 2012/2013 realizou uma exposição inteira com trabalhos desenvolvidos na capital federal.

www.poro.redezero.org

Anexo de Textos

Edição e Projeto Gráfico:

Poró (Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada!)

Textos:

Bené Fonteles, Eduardo de Jesus, Gabriel Schvartsberg, Laura Castro e Poró

Imagens da capa:

Fragmento do mapa de Brasília, parte da obra: Fora do Grid, 2012

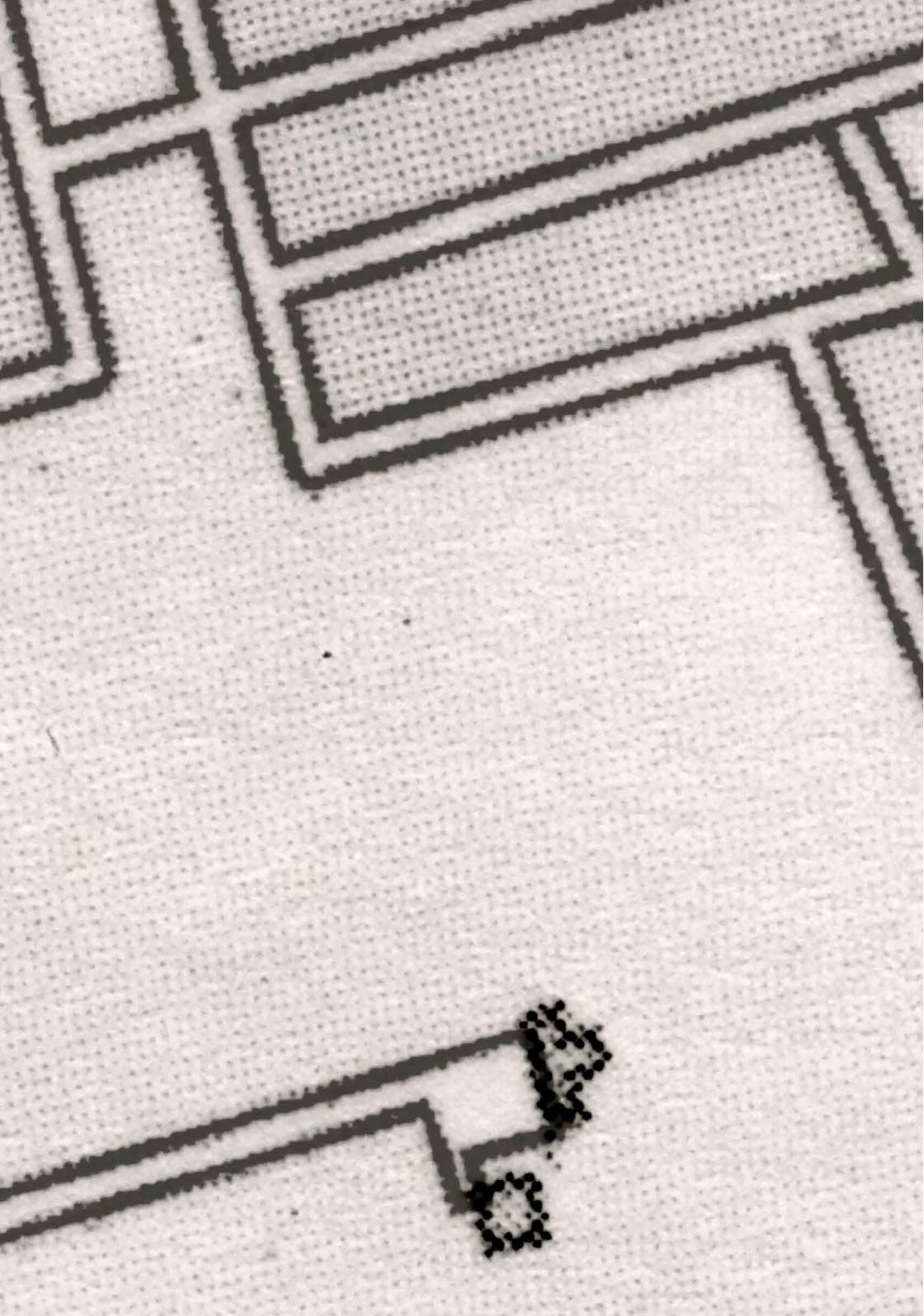
Fotos:

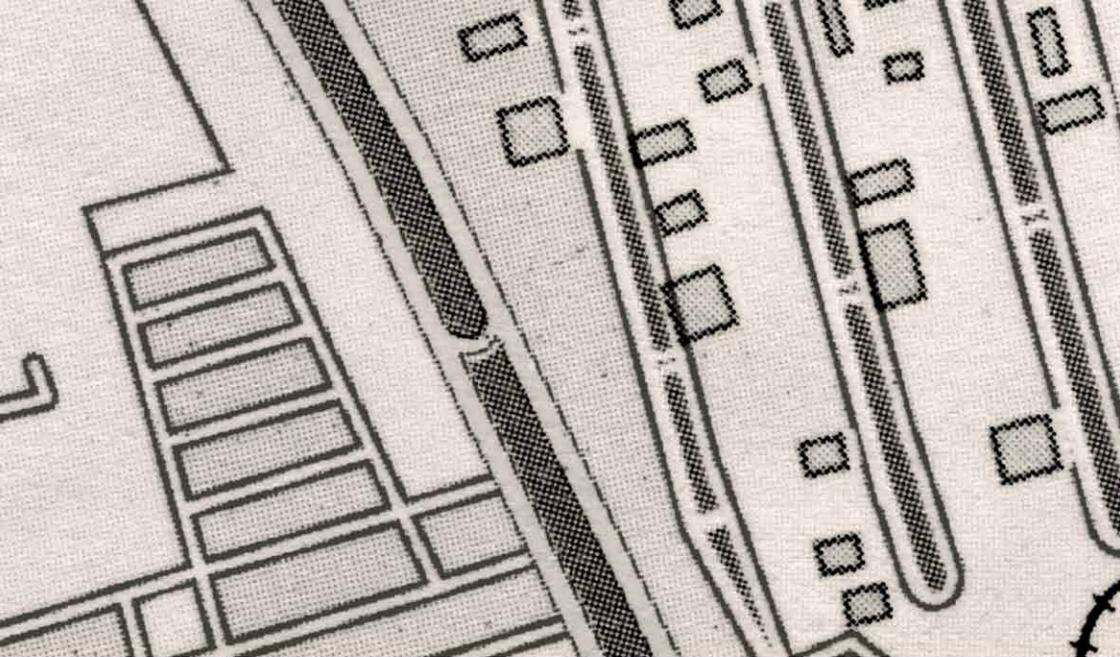
Poró

Composto com as tipografias DIN e Bulldog

Publicado em dezembro de 2013

→ Esta e outras publicações do Poró estão disponíveis para download em:
www.poro.redezero.org





www.poro.redezero.org

